

## 2.5. DO OUTRO LADO DO ESPELHO: A PERCEPÇÃO DA PROFESSORA<sup>12</sup>

Cláudia Alexandra Góes de Araújo\* , Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes\*\*

\*Escola Especial Municipal Francisco de Castro - Rio de Janeiro

\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro

### Resumo

Este trabalho apresenta as mudanças qualitativas no desempenho profissional de uma professora do Estado do Rio de Janeiro, durante a realização de uma pesquisa desenvolvida por um grupo da UERJ sobre Comunicação Alternativa e Ampliada com alunos com paralisia cerebral, sem déficit cognitivo e não oralizados. A busca por respostas sobre como oportunizar a aprendizagem, promover a interação e a comunicação em seus alunos foi um dos grandes desafios enfrentados durante os dois anos que antecederam a pesquisa e que levaram a professora a buscar novos caminhos para desenvolver suas atividades. Foi possível observar, durante a realização da pesquisa, a importância e os significativos resultados obtidos com a utilização dos recursos alternativos de comunicação com a turma. As mudanças afetaram o comportamento não só da professora e dos alunos como também dos seus responsáveis que passaram a adotar uma postura mais interessada e participativa. Para que isso acontecesse foi necessário que a professora deixasse de lado uma atuação tradicional e adotasse em sua prática pedagógica um comportamento no qual não temesse a exposição de sua imagem, as críticas, o novo e arriscasse mudar de atitude para alcançar a transformação que tanto desejava.

### Introdução

A *Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA)* é uma das áreas da Tecnologia Assistiva (TA) que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e/ou escrever. Mais especificamente, a Comunicação Alternativa envolve o uso de gestos manuais, expressões faciais e corporais, símbolos gráficos (bi-dimensionais como objetos reais e miniaturas), voz digitalizada ou sintetizada, dentre outros como meios de efetuar a

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela Faperj, proc. E 26110235/2007, e pelo CNPq, proc. 473360/2007.1.

<sup>2</sup> Trabalho publicado no CD ROM do III Congresso Brasileiro de Educação Especial realizado na Universidade Federal de S. Carlos, dezembro de 2008

comunicação face-a-face de indivíduos incapazes de usar a linguagem oral. Comunicação Ampliada tem o duplo propósito de promover e suplementar a fala ou garantir uma forma alternativa se o indivíduo não se mostrar capaz de desenvolver a fala (Glennen, 1997; Nunes, 2003). Pessoas com paralisia cerebral, autismo e deficiência mental que se mostram incapazes de usar a fala podem assim se beneficiar dos recursos da CAA.

Segundo Nunes e Nunes (2007), no Brasil, o emprego da *comunicação alternativa /ampliada* foi iniciado em S. Paulo em 1978 em uma escola especial e centro de habilitação que atendia pessoas com paralisia cerebral, sem prejuízo intelectual. A prática da CAA tem ocorrido principalmente em grandes centros urbanos notadamente em instituições que são uma combinação de centro de habilitação e escolas especiais. Mais recentemente, a CAA vem sendo introduzida também nas escolas regulares com alunos especiais incluídos e nas escolas especiais.

Analisando a interação professor-aluno com deficiência motora e de comunicação em escolas regulares e especiais, Souza e Nunes (2003) revelam que as interações tenderam a serem iniciadas mais freqüentemente pelos professores do que pelos alunos. A maioria das respostas destes eram unimodais como olhar atento, gestos, expressões faciais, vocalizadores, mudanças corporais e sinais convencionais. Formas não-verbais de comunicação, como olhar atento e expressões faciais emitidas pelos alunos, não eram, em geral, respondidas pelos professores. Esses dados parecem mostrar que a interação entre um sujeito não oralizado e seu interlocutor falante fica muito restrita devido à própria limitação do primeiro em dar respostas. Se considerarmos que comunicação, segundo Bryen e Joyce (1985) refere-se a comportamentos sinalizadores que ocorrem na interação de duas ou mais pessoas e que proporcionam uma forma de criar significado entre elas, fica evidente que em uma conversa são criados muitos significados e todas as pessoas envolvidas participam dessa criação. Contudo, quando o sujeito não oralizado apenas responde e não participa ativamente da comunicação, fazendo interações ou iniciando um assunto, este significado passa a ser dominado apenas por uma das partes, o indivíduo falante.

Segundo Souza e Nunes (2000), a Comunicação Alternativa junto a pessoas não oralizadas deve ser iniciada o mais precocemente possível, a fim de evitar a defasagem entre linguagem receptiva e a expressiva bem como suas conseqüências no desenvolvimento da aprendizagem, da autonomia e da socialização. Para iniciar um programa de Comunicação Alternativa, é necessário, por um lado, o conhecimento do

indivíduo, seu nível de comunicação, suas necessidades, seu ambiente, suas habilidades e limitações do ponto de vista sensorial, perceptivo, motor e cognitivo.

O uso do recurso de Comunicação Alternativa e Ampliada é de fundamental importância para a atuação do professor de Educação Especial, em particular para os que atuam diretamente com alunos com paralisia cerebral, visto que estes por terem impedimentos motores na articulação da fala, não possuem meios para expressar o que pensam, o que desejam, fazerem escolhas, concordar ou discordar com que está sendo discutido e ainda, discordar nos momentos de desagrado. A utilização da CAA em sala de aula dá a voz aos calados, o movimento aos paralisados e o espaço conquistado e definido a quem poderia estar sendo excluído, não só pela sociedade da qual faz parte como também por seus próprios familiares.

Os professores de modo geral raramente recebem formação para empregar os recursos da CAA em sala de aula. Assim, o projeto de pesquisa *Dando a voz através de imagens: comunicação alternativa para indivíduos com deficiência* (NUNES, 2007) vem sendo conduzido em uma escola especial com os seguintes objetivos gerais: a) introduzir recursos de comunicação alternativa em uma sala de aula de uma escola especial do município do Rio de Janeiro e b) analisar o processo comunicativo de alunos com deficiência severa de comunicação oral com seus interlocutores na escola. Mais especificamente, o objetivo do estudo aqui apresentado foi apresentar a percepção de uma professora de turma de alunos não oralizados desta escola que recebeu formação em serviço para empregar os recursos da CAA em sua sala de aula.

## **Metodologia**

Participantes: No ano inicial desta investigação, participavam cinco alunos, sendo dois falantes e três não-falantes. Com a entrada de mais dois alunos não-falantes na turma, atualmente há sete alunos, com as idades variando entre 09 e 27 anos. Além desses sujeitos, a pesquisa conta com Clara <sup>3</sup> - a professora da turma, as assistentes de pesquisa e a professora coordenadora da pesquisa.

Locais: Sala de aula de uma escola especial municipal do Rio de Janeiro, onde ocorreram as filmagens das sessões de observação da prática docente e interações sociais com os alunos. As reuniões de pesquisa, nas quais eram dadas informações

---

<sup>3</sup> Nome fictício

relevantes para a professora sobre o uso de materiais de Comunicação Alternativa e de outras temáticas pertinentes foram realizadas em uma sala do Instituto Helena Antipoff (Secretaria Municipal de Educação).

Materiais: Para coletar dados deste estudo foram utilizadas filmadoras JVC e Sony, protocolos de registro de observação e gravadores de voz. Para trabalhar com os alunos foram confeccionados materiais pedagógicos contendo cartões com pictogramas separados por categorias (verbo, sujeito, adjetivo, substantivo, saudação, miscelâneas) disponibilizados em caixas com seis divisões, pranchas individuais de comunicação alternativa, plano inclinado com velcro para formação de sentenças pictográficas, filmadora e fichas com os mesmos pictogramas em tamanho maior elaborado para uso da professora.

Procedimentos Gerais: O projeto de pesquisa foi submetido e posteriormente aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa - COEP - da UERJ, cujo parecer é COEP 026/2007. Foi igualmente submetido à direção do Instituto Helena Antipoff da Secretaria Municipal de Educação (SME), à diretora da escola especial participante, à professora da turma, bem como aos alunos e seus pais. Todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Procedimentos específicos: Foram conduzidas 23 sessões de observação da interação professora-alunos em sala de aula, ao longo de onze meses, de uma a duas vezes por semana, com a duração variando de 18 a 97 minutos. Foram realizadas igualmente 12 reuniões da equipe interdisciplinar de pesquisa em 2007 e 26 reuniões em 2008, com duração média de 90 minutos. Tais reuniões ocorreram em sua grande maioria na sala da Oficina Vivencial do Instituto Helena Antipoff. Foram ainda conduzidas cinco sessões denominadas de intervenções em sala de aula, quando pelo menos dois dos membros da equipe interdisciplinar compareciam à sala de aula e observavam a professora, demonstrando o uso das pranchas de comunicação para conversar com os alunos. Todas essas sessões foram videogravadas.

A pesquisa envolveu um conjunto de atividades, a saber: a) videogravação da interação da professora com os alunos em sala de aula, b) oferta do *software Boardmaker* para confecção de pictogramas; b) oferta de computador e impressora para confecção dos pictogramas e uso do computador em atividades de sala de aula; d) oferta de sugestões de recursos de CAA, de modelos de pranchas, de materiais pedagógicos adaptados e de *softwares* e *hardwares* especiais para comunicação escrita, e)

demonstração da utilização das pranchas para estabelecer conversação com os alunos e f) reuniões semanais de discussão com a professora e todo o grupo de pesquisa.

Nessas sessões semanais, que constituem o presente estudo, eram voltadas para a) planejamento de atividades pedagógicas em sala de aula, b) discussão de textos sobre CAA; c) apresentação de sessões videogravadas da professora desenvolvendo atividades pedagógicas e interagindo com os alunos em sala de aula, d) discussão sobre as sessões videogravadas em que a professora era convidada a tecer seus comentários seu próprio desempenho e o dos alunos, a ouvir os comentários da equipe de apoio e principalmente trazer suas dúvidas e questões para o grupo. Após assistir a um vídeo ou ao momento da problematização, a equipe, e isso inclui a professora, eram levantadas as sugestões para a resolução dos problemas apontados, e planejava-se a execução da solução que poderia ser realizada tanto pela professora de sala de aula ou por um ou mais membros da equipe de apoio através de uma visita a sala de aula.

No entanto, o elemento-chave desse conjunto de procedimentos foram as observações e análises de trechos de sessões videogravadas da professora desenvolvendo atividades pedagógicas e interagindo com os alunos em sala de aula e as reuniões conduzidas em sessões semanais de discussão com a professora e todo o grupo de pesquisa. Nessas ocasiões, a professora era convidada a expressar sua opinião sobre seu próprio desempenho e o desempenho dos alunos, ouvir os comentários da equipe de apoio e principalmente trazer suas dúvidas e questões para o grupo. Após a problematização, a equipe trazia sugestões para a resolução dos problemas apontados e planejava a execução da solução que poderia ser realizada pela professora de sala de aula ou por um ou mais membros da equipe de apoio através de uma visita à sala de aula. Essa equipe conta com profissionais de várias áreas: Pedagogia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia e Psicopedagogia.

## **Resultados<sup>4</sup>**

O trabalho teve início em 2007 quando Clara, professora de uma turma de alunos com paralisia cerebral, sem déficit cognitivo e não oralizados, ofereceu seu grupo para sujeito da pesquisa. A turma era composta, na época, por cinco alunos. Como se tratava de alunos sem prejuízo intelectual, a professora Clara continuava desempenhando suas atividades visando à produção do conhecimento, isto é, seu objetivo principal era a

---

<sup>4</sup> O depoimento redigido pela Professora Clara encontra-se no anexo 1 deste manuscrito.

quantidade de conteúdo a ser apresentado ao grupo. Buscava atingir seus objetivos através de exercícios individualizados. Estes eram escritos separadamente em cada caderno. Para que os alunos realizassem suas atividades, era necessário que cada um fosse trabalhado individualmente e enquanto um estava sendo atendido, os demais permaneciam parados, apenas aguardando a sua vez. O conteúdo era trabalhado coletivamente apenas no momento da apresentação e das explicações iniciais.

Durante o primeiro ano com a turma, como eram realizados alguns passeios pedagógicos (visitas a exposições, feiras culturais, teatros e cinemas), ainda existia motivação para interagir. Embora sentisse que as coisas não iam bem, a professora Clara não era capaz de identificar o que acontecia.

Ainda com uma postura tradicional, Clara era rígida em seus pensamentos e atitudes e não percebia que o que faltava era a interação professor/aluno, aluno/professor e, principalmente, aluno/aluno. Não percebia que seus alunos com paralisia cerebral, apesar de não falarem, também tinham coisas a transmitir. Seus desejos, pensamentos, críticas e impressões sobre o trabalho de sala de aula como também sobre a vida ficavam aprisionados e sem voz. Com isso, o que não caminhava satisfatoriamente, acabou piorando. Havia falta de concentração, impontualidade e falta de interesse não só dos alunos como de seus responsáveis. A realidade parecia cruel com a professora e ela, inconscientemente, mais cruel com seus alunos.

No início do ano de 2007, devido à desistência de uma colega da escola em continuar participando da pesquisa, Clara ingressou no Projeto de Comunicação Alternativa e Ampliada<sup>5</sup>, por julgar ser a oportunidade que seus alunos necessitavam para se comunicar. Uma delas, Sabrina<sup>6</sup>, uma jovem de dezessete anos que trazia em seus olhos o desejo de se expressar sem conseguir. Sempre era necessária a presença de um interlocutor e este nem sempre compreendia o que era para ser transmitido. Como Sonia não apresentava nenhum recurso alternativo de comunicação anterior ao projeto, a professora julgou importante esta chance para mudar tudo. Sabrina e o restante da turma passariam a utilizar os recursos alternativos de comunicação e a professora Clara teria a possibilidade de vivenciar outras maneiras de desempenhar sua prática pedagógica e oportunizar a interação do aluno em sala de aula, na escola e em sociedade. Inicialmente foi realizada uma reunião com os responsáveis na qual alguns fatos foram esclarecidos

---

<sup>5</sup> Dando a voz através de imagens: comunicação alternativa para indivíduos com deficiência (Nunes, 2005) FAPERJ processo E26110235/2007; Promovendo a inclusão comunicativa de alunos não oralizados com paralisia cerebral e deficiência múltipla (Nunes, 2007) CNPq processo 473360/2007.1

<sup>6</sup> Nome fictício

acerca dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa. Com aprovação de todos, a pesquisa começou a ser desenvolvida. Para a realização desta foi imprescindível que algumas aulas fossem filmadas e a partir do momento em que a professora Clara teve a oportunidade de assistir sua própria atuação docente, sua prática foi sendo modificada. Ela não suportava perceber a inércia que existia na sala de aula, foi doloroso perceber em cada rosto (cheio de vida) um vazio sem luz e sem som, ela apenas falava e não se comunicava com eles. Eles ouviam, mas não tinham vez para responder. Será que ela pensava que eles não tivessem o que dizer?

Através do que era observado nas filmagens, das orientações que recebia das pesquisadoras e das discussões durante as reuniões semanais do grupo de pesquisa a professora Clara adotou, imediatamente, o uso dos recursos da Comunicação Alternativa, em especial os cartões com os pictogramas como meio de comunicação e para as realizações das atividades.

Na fase inicial do trabalho, Sabrina já demonstrava um desempenho muito bom. Seu comprometimento motor dificultava os movimentos dos membros superiores e da cabeça, com isso havia uma limitação ainda maior para expressar suas únicas respostas (sim e não). Quando tentava se comunicar e não conseguia, sua frustração era visível em seus olhos.

Com o desenvolvimento da pesquisa, gradativamente, os alunos foram se familiarizando com os pictogramas e percebendo que estes serviam para expressar seus desejos, gostos e preferências e ainda, como recurso para a escrita funcional.

Inicialmente os pictogramas foram utilizados para transcrever atividades anteriores ao projeto com o objetivo que os alunos percebessem que cada palavra tem uma representação pictográfica correspondente, ou seja, tudo o que é falado e/ou escrito através de palavras pode ser representado com pictogramas. A seguir passaram a utilizar os cartões de CAA com a intenção de promover a comunicação entre professor/aluno e, principalmente, aluno/aluno; fato que jamais poderia ocorrer antes do projeto. Nesta etapa, a professora Clara teve a oportunidade de ratificar sua opinião que vinha construindo em relação aos benefícios da utilização dos recursos de CAA com alunos com paralisia cerebral, sem déficit cognitivo e não oralizados. Os alunos que anteriormente não conseguiam comunicar-se passaram a interagir não só com a professora como também entre si.

Depois de realizadas algumas atividades, a turma passou a utilizar os cartões para construções de sentenças nas quais podiam expressar seus desejos e opiniões, fazer perguntas, pedidos, enfim, interagir como cidadãos.

### **.Referências Bibliográficas**

Bryen, D. N. & Joyce, D. S. (1985). Sign language and severely handicapped. *Journal of Special Education*, 20,183-194,

Nunes, L. R. (2003). Linguagem e comunicação alternativa: uma introdução. Em L. R. Nunes (org). *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais* (pp.1-13). Rio de Janeiro: Dunya.

Nunes, L.R. & Nunes D. R. (2007). Um breve histórico da pesquisa em comunicação alternativa na UERJ. Em L. R., M. Pelosi & M. R. Gomes (Orgs), *Um retrato da comunicação alternativa no Brasil: Relatos de pesquisas e experiências*, volume 1 (pp.19-32). Rio de Janeiro: Quatro Pontos/FINEP

Souza, V. L. V. & Nunes, L. R. (2003). Caracterização da comunicação alternativa: Perfil dos alunos com deficiência física de uma região do município do Rio de Janeiro. Em L. R. Nunes (Org), *Favorecendo o desenvolvimento da comunicação alternativa em crianças e jovens com necessidade educacionais especiais* (pp. 77-92). Rio de Janeiro: Dunya.



## ANEXO 1

### Depoimento redigido pela Professora Clara

Em 1985 iniciei minhas atividades profissionais como professora regente na Prefeitura do Rio de Janeiro. Optei por trabalhar com educação especial visto que, na época, cursava a Faculdade de Psicologia e possuía grande interesse na área.

Quando ingressei na Escola Especial Municipal Francisco de Castro, na qual trabalho até a presente data, os alunos apresentavam dificuldade de aprendizagem, distúrbios de condutas e Síndrome de Down. Síndromes raras e paralisados cerebrais eram casos bastante isolados.

Naquela época não era exigido do professor que este possuísse qualquer formação acadêmica. Para o bom desempenho do trabalho pedagógico bastava que participasse das reuniões periódicas no Instituto Helena Antipoff, Centro de Referência em Educação Especial no Município do Rio de Janeiro.

Com o passar do tempo ocorreram modificações em relação às necessidades educacionais dos nossos alunos e hoje é predominante casos de paralisados cerebrais, sem déficit cognitivo e não falantes. Muitas transformações ocorreram quanto às necessidades educacionais com as quais convivemos diariamente, entretanto, nossa formação e qualificação continuam as mesmas.

Muitas vezes, algumas perguntas, quando auto-indagadas, tornam-se elucidativas e oportunizam o surgimento de sentimentos negativos que podem contribuir para baixa de auto-estima, falta de interesse pelas atividades realizadas e um número excessivo de faltas. Importante, ainda, é constatar que estes comportamentos ocorrem nos dois sentidos; professor e alunos são afetados, o que contribui para uma baixa qualitativa do trabalho pedagógico.

A citação anterior é fundamentada em minha própria experiência enquanto professora de Educação Especial.

Apesar dos cursos de capacitações promovidos eu me mantinha rígida, provavelmente como a maioria das minhas colegas que se preocupavam com a quantidade de conteúdo a ser trabalhado. Eu não percebia que para o aluno, mais importante do que aprender era poder se expressar, mostrar seus sentimentos, emoções, desejos, gostos e preferências, ou simplesmente, comunicar-se.

Em 2005 escolhi uma turma com sete alunos na faixa etária entre dezoito e vinte e sete anos dos quais cinco paralisados cerebrais, sem déficit cognitivo e não falantes. A

princípio mantive-me na mesma postura: pensava que o mais importante era a quantidade de conteúdo a ser ensinado, entretanto, no ano seguinte comecei a perceber que estava faltando alguma coisa, mas que eu não identificava. Busquei assuntos pertinentes as suas realidades, fatos do dia-a-dia, passeios, enfim, recursos que pudessem cobrir o imenso vazio que existia em mim, nos alunos, nas famílias e, acima de tudo nas nossas relações.

Triste foi à resposta, pois não consegui mudar a rotina que naquela época já havia se instalado.

O nível de interesse era pequeno e a frequência muito baixa. Tais comportamentos eram bilaterais (aluno e família/professora).

Existia na escola uma única turma que participa de um projeto de Comunicação Alternativa que por razões particulares a professora participante resolveu desistir. Como o perfil da minha turma era o mesmo da que estava deixando a pesquisa; resolvi então, oferecer, no início do ano letivo de 2007, o meu grupo como sujeito de estudo do Projeto de Pesquisa em Comunicação Alternativa “Dando Voz Através das Imagens: Comunicação Alternativa para Indivíduos com Deficiência”, coordenado pela Professora Leila Nunes, Doutora em Educação Especial da UERJ. Como citei anteriormente, nesta turma os alunos paralisados cerebrais não possuíam nenhum recurso de comunicação. Até para avaliá-los durante a realização das atividades em 2005 e 2006 era difícil. Dois alunos não possuíam nem códigos específicos para o “SIM” e “NÃO”. Constantemente os acompanhantes ou familiares eram solicitados para serem interlocutores e as mensagens construídas seguiam não só o pensamento do aluno como o de quem o expressava dependendo das circunstâncias.

A pesquisa, como já foi dito acima, teve início em Fevereiro de 2007. Inicialmente foi realizada uma reunião com os responsáveis na qual alguns fatos foram esclarecidos acerca dos objetivos e de como a mesma seria realizada. Com a aprovação de todos a pesquisa começou a ser desenvolvida.

Para a realização desta foi imprescindível que minhas aulas fossem filmadas e a partir do momento em que tive a oportunidade de assistir a minha própria atuação, a prática foi sendo modificada.

Através do que eu observava nas filmagens, das orientações que recebia da Professora Leila Nunes e das discussões durante as reuniões semanais do grupo de pesquisa adotei imediatamente o uso dos recursos da tecnologia assistiva, em especial

os pictogramas, como meio de comunicação e para a realização das atividades pedagógicas.

No grupo uma aluna se destacou principalmente por não possuir nenhum recurso de comunicação anterior ao desenvolvimento do projeto.

Sabrina é uma aluna de dezenove anos que possui um olhar extremamente expressivo, porém, sua única forma de comunicação é utilizando a movimento da cabeça para sinalizar o “sim”. Seu comprometimento motor dificulta o movimento de negação com a cabeça e com a mão direita é muito limitado (o lado esquerdo é severamente comprometido). Diversas vezes fui obrigada a chamar sua madrinha (que permanece na escola durante o horário de aula) porque tínhamos a necessidade de uma interlocutora e mesmo assim, em algumas situações era muito difícil traduzir o que S. estava querendo dizer. Geralmente as segundas-feiras ela gostava de contar o que havia feito em casa durante o final de semana e neste momento a frustração era visível em seus olhos. S. chegava a abaixar a cabeça entristecida já que eu não a entendia de forma alguma. Ela ainda tentava falar, mas apenas reproduzia um som que para não tinha nenhuma representação.

Com o desenvolvimento da pesquisa gradativamente os alunos foram se familiarizando com os pictogramas e percebendo que estes não só serviam para expressar seus desejos, gostos e preferências como seria também um recurso para a escrita.

Inicialmente utilizamos os pictogramas para transcrever as atividades que vínhamos realizando antes do projeto. O objetivo desta fase inicial era que os alunos pudessem perceber que cada palavra tem uma representação pictográfica correspondente, ou seja, tudo que é falado e/ou escrito através de palavras pode ser representado com o uso do recurso da comunicação alternativa. Em seguida, começamos a utilizar os cartões com a intenção de comunicação entre professor/aluno e principalmente aluno/aluno (oportunizando a interação) fato que jamais poderia ocorrer antes do projeto.

Nesta etapa eu pude ter a oportunidade de ratificar minha opinião em relação aos benefícios da Comunicação Alternativa para alunos paralisados cerebrais, sem déficit cognitivo e não falantes.

Atividades de construção de sentenças, textos e interpretação também foram desenvolvidos com grande êxito nas respostas.

Com o desenvolvimento deste projeto de pesquisa, que é desenvolvido nesta turma até a presente data, houve um aumento significativo na auto-estima dos alunos. Isso pôde ser constatado através da postura deles em sala de aula. Chegam solicitando as pranchas para contar fatos que ocorreram antes de chegarem à escola, mostram, uns para os outros, os pictogramas aos quais se referem, criticam o que o outro diz, enfim, aquela turma que antes era paralisada e engessada, em menos de um semestre passou a ter vida, movimento e voz. Tive a felicidade de constatar que a freqüência e o nível de interesse dos alunos aumentaram significativamente (a ponto de ser registrado em Livro Ata no Conselho de Classe), a participação dos mesmos se tornou efetiva e através do uso da Comunicação Alternativa tive a possibilidade de realizar uma avaliação específica do conteúdo trabalhado, não só acerca dos objetivos propostos, como da metodologia utilizada e , acima de tudo, se as atividades propostas foram de interesse dos alunos.

Não posso deixar de registrar que eu também me sentia tão paralisada e sem voz como os meus alunos. Meus planejamentos, embora sempre com base em fatos atuais, eram engessados, rígidos e sem voz. Eu falava e não conseguia atingi-los uma vez que não havia um diálogo: apenas eu falava. Será que eles tinham o que dizer? Hoje eu sei que a resposta a essa pergunta é sim! Não existia interação. Apenas eu me relacionava com cada um deles isoladamente.

Como nem tudo são flores, passei por alguns obstáculos que nunca me fizeram pensar em desistir, muito pelo contrário; davam-me forças e tornavam-se grandes desafios que lentamente foram sendo vencidos.

A princípio a falta de recursos da escola, a dificuldade de relacionamento com a colega que havia dispensado a pesquisa de sua própria turma e com a professora da sala de recursos em C.A.A e até mesmo com a direção que julgava que eu gastava a tinta do computador com coisas desnecessária e que fazia falta para a impressão de documentos administrativos.

Ultrapassado este período o mais importante se solidificou: a eficácia do recurso da C.A.A. com alunos que não possuem linguagem oral e a mudança de comportamento das colegas em relação à utilização da mesma.

As colegas que antes apresentavam um discurso negativo, hoje solicitam materiais e pedem que eu as ajude na confecção dos pictogramas referentes aos vocabulários trabalhados, a nova professora de educação física solicitou que o vocabulário utilizado por ela referente às atividades físicas e às ações dos alunos bem

como suas avaliações fossem confeccionadas através dos símbolos pictográficos, enfim, toda a escola esta envolvida pela Comunicação Alternativa.

Acredito que tenha sido necessário um primeiro momento no qual algumas barreiras foram sendo quebradas, resistências tenham sido rompidas para que o “novo” que parece “ameaçador” pudesse ser percebido de maneira mais natural.

A diretora adjunta que no início dificultava ao máximo a realização do meu trabalho hoje está também como professora regente em uma das matrículas e, constantemente, busca auxílio e solicita materiais para o desenvolvimento de suas aulas.

Este ano, com a modificação do Projeto Político Pedagógico da escola, cada professora desenvolve uma oficina e nesta é realizado um trabalho voltado para a funcionalidade, para as atividades de vida diária onde as turmas fazem rodízio e passam por todas elas. Dentre as oficinas existentes eu atuo na oficina da Comunicação Alternativa e Ampliada, ou seja, o trabalho de pesquisa, anteriormente, contemplava apenas a minha turma e atualmente, com a nova proposta, todos os alunos da escola participam desta oficina assim como os meus alunos (da turma participante da pesquisa) participam das demais e estes para se comunicarem solicitam às demais professoras a utilização das pranchas e dos demais recursos da tecnologia assistiva.

Com a modificação do meu comportamento e dos meus alunos, constado por pais e professores a direção e a coordenadora pedagógica da escola resolveram incluir no centro de estudos um horário para que o grupo de professores passasse a assistir as filmagens das minhas aulas realizando assim um grupo de estudos coletivo em Comunicação Alternativa e Ampliada.

Concluindo, depois que eu decidi me expor, não temer o novo e desconhecido, não me preocupar com críticas e apenas receber novas experiências minha atuação profissional e minha vida pessoal se transformaram positivamente. Nós professores regentes que passamos a vida dentro da sala de aula o dia inteiro, devemos perceber que a atualização profissional, a capacitação, o aprimoramento se processa a partir da junção do acadêmico com a sala de aula. Necessitamos estar engajados em novos projetos e pesquisas para que possamos constatar o quanto é rica esta troca de experiência.